

Fernando Pessoa

CARTAS DE MARCOS ALVES

Cartas de Marcos Alves

Levei a vida toda a sentir-me inadaptado mesmo às suas coisas mais altas e [a] adaptar-me a todas, mesmo, às mais reles. Assim criei uma dupla personalidade, da qual ambos os ramos são falsos. Por isso me não encontro. Por detrás do homem de espírito e um pouco de sociedade, sou o artista morto, e não o sou realmente. Vendo o que quis ser, o que me julguei plenamente capaz de ser, e atentando no que hoje irremediavelmente sou, uma angústia enorme, como a de ter perdido a alma, [...], sobe-me à cabeça.

Nunca me senti senão através de uma ideia de mim.

Tudo o que amei cedo ou tarde me veio a ferir (...)

Cortei todos os laços comigo próprio; hoje nada me amarra a mim a não ser o sentimento de dever estar amarrado. Só me sinto um ao atentar que sou, pelo menos, dois.

Pergunta-me v[ocê] como ando [?] [...] nisto — nisto de ser o cavaqueador brilhante, o triunfador das atenções... Perdendo-me. Cada pedra com que construí a m[inha] reputação de blagueur, de artista (...), de (...) — tirei-as ao muro, hoje desgastado, com que me vedara do não-eu. Hoje não tenho alma. Vendi-a a mim próprio, a troco de moeda falsa, beijos comprados, amizades inúteis, admiradores desprezíveis, inimigos que me esqueceram.

s. d.

Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 25c.

«Marcos Alves»